

alterações fisiológicas e neuroquímicas relacionadas com a experiência de stressores graves. Com esta comunicação procuramos fazer uma ponte entre o que é conhecido sobre a relação entre trauma e saúde, e as implicações clínicas deste conhecimento.

O RETORNO DOS EMIGRANTES PORTUGUESES: ATITUDES, STRESS E ESTRATÉGIAS DE COPING

M. Alves

Nas representações colectivas, o retorno ao país é suposto fazer-se “naturalmente” contudo, as diferentes histórias de vida evidenciam que a passagem de um país ao outro modifica os hábitos, os esquemas de pensamento e os valores dos emigrantes.

O objectivo deste estudo foi determinar o efeito do retorno nos emigrantes regressados a Portugal, e suas consequências psicológicas – neste caso, as atitudes de satisfação/insatisfação relativamente ao país de origem e país de acolhimento, o nível de stress percebido e as estratégias escolhidas (coping) para se adaptar à essa situação.

A comparação com um grupo em férias, mas com intenção de regressar permitiu-nos verificar se o retorno: leva a atitudes de satisfação; provoca um nível de stress elevado; leva à escolha de estratégias adequadas para a re-adaptação.

A amostra de 200 sujeitos, foi seleccionada pelo método de bola de neve, (100 em situação de retorno e 100 em férias) no Nordeste-interior. Foram utilizados três instrumentos: questionário, escala de stress e escala de coping. Os resultados mostram que o retorno ao país de origem provoca insatisfação, tendência para o stress, (angústia temporal e depressão), as estratégias adoptadas são ineficientes, os emigrantes retraem-se na acção e solicitam pouco apoio social. Conclusão: o retorno deve ser preparado social e psicologicamente, pois a sociedade de origem nem sempre o recebe de “braços abertos”.

“À ESPERA DO COMBOIO NA PARAGEM DO AUTOCARRO” OU A INFLUÊNCIA DO STRESSE EM MEIO URBANO SOBRE A SAÚDE E A QUALIDADE DE VIDA

S. Aguiar¹ (sandra_aguiar@netcabo.pt) e J. Pais Ribeiro²

¹ Projecto Seixal Saudável, Câmara Municipal do Seixal; ² FPCE – Universidade do Porto

A vida nas cidades tem um profundo efeito sobre o bem-estar geral do indivíduo, podendo ser um factor gerador de stress e afectar, inclusivamente, a sua saúde e qualidade de vida.

Para estudar a relação entre stress em meio urbano, saúde e qualidade de vida, assim como a influência da dimensão de personalidade abertura à experiência sobre as mesmas, foi desenvolvido um estudo transversal, no qual foram levantadas as seguintes questões: – Qual a associação entre a variável stress em meio urbano e as variáveis saúde e qualidade de vida? – A abertura à experiência mostra um efeito moderador sobre esta relação?

Participaram nesta investigação 250 indivíduos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos, que residem no concelho do Seixal. Os instrumentos utilizados foram o World Health Organization Quality of Life Survey – Bref (WHOQOL Group, 1998), a escala Abertura à Experiência do Inventário de Personalidade NEO-PI – Revisto (Costa & MacCrae, 1992) e a Escala de Percepção de Stress (Cohen, Kamarck & Mermelstein, 1983). Para avaliar a percepção do stress em meio urbano, foi desenvolvido um questionário, composto por três escalas – Ambiente Social, Ambiente Físico e Prestação de Cuidados de Saúde e de Serviços Sociais – adaptado com base no conceito de saúde urbana, conforme preconizado pela Organização Mundial de Saúde.

Os resultados apontam no sentido que um elevado nível de stress em meio urbano e uma baixa abertura à experiência influenciam, de forma negativa, a percepção da saúde e da qualidade de vida, verificando-se uma interacção entre os dois primeiros factores.

Estes resultados realçam o impacto que o planeamento urbano pode exercer sobre a saúde e a qualidade de vida das populações que residem na cidade e salientam o contributo da Psicologia da Saúde no estudo da relação entre personalidade e stress.

PERTURBAÇÃO DE PÓS-STRESS TRAUMÁTICO NO CANCRO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

S. Azevedo e Castro¹ e A.C. Maia²

¹ Unidade de Cuidados Continuados do IPO FG, CROP, S.A.; ² Universidade do Minho

Na maioria dos Cancros os tratamentos resultam num aumento no tempo de sobrevivência dos doentes, conseguido através de tratamentos mais agressivos, prolongados e tóxicos, o que transformou o cancro numa doença crónica (Green et al., 1997). Nos últimos anos, diferentes estudos apontam para o facto de o aumento da morbidade psicológica nestes doentes poder ser o resultado das reacções pos-traumáticas agudas à doença e tratamentos, e evidenciam a presença de sintomas de Perturbação Pós-stress Traumático entre doentes com cancro (Cella & Tross, 1986; Cella, Mahon & Donovan, 1990; Stuber et al., 1991). Neste quadro apresenta-se a possibilidade de um novo contexto teórico em que a sintomatologia apresentada pelo doente oncológico pode ser entendida na perspectiva da Perturbação Aguda de Stress e da Perturbação Pós-Stress Traumático.

Este campo de investigação tem vindo a despertar o interesse de vários investigadores, levando ao desenvolvimento de um conjunto de estudos sobre os sintomas de PTSD em pacientes com cancro, sobreviventes de cancro e seus familiares. Neste trabalho propomo-nos rever a literatura sobre este tema sobre o qual estamos a realizar investigação, salientando a importância de os técnicos de saúde estarem conscientes de que o impacto psicológico das doenças oncológicas deve ser tomado em consideração quando estes doentes são acompanhados.

ACIDENTES RODOVIÁRIOS: O IMPACTO NAS VÍTIMAS

T. Pires e A. Maia

Universidade do Minho

Os acidentes rodoviários são um assunto actual com bastante interesse público, devido aos custos económicos e sociais que lhe são inerentes. Apesar de os acidentes serem um tema recorrente na comunicação social, e de se saber que no nosso país o número de vítimas é um dos mais elevados da Europa, não temos conhecimento de investigação realizada sobre o impacto psicológico que estes acontecimentos potencialmente traumáticos, têm nas suas vítimas directas. Uma equipa da Universidade do Minho tem vindo a estudar o impacto que os acidentes rodoviários têm sobre aquilo que designam por vítimas secundárias, nomeadamente colaboradores do INEM (Fernandes e Maia, 2000) e bombeiros (Horta –Moreira, Maia e Fernandes, 2002). O objectivo do estudo que agora apresentamos visa estudar os factores pré, peri e pós-traumáticos que estão associados a maiores dificuldades psicológicas após um acidente. No estudo participam indivíduos envolvidos em acidentes rodoviários que tenham necessitado de atenção médica. Foram utilizados um questionário sobre o impacto dos acidentes rodoviários (Pires & Maia, 2003), Escala de Avaliação de Resposta ao Acontecimento Traumático (McIntyre, 1993), lista de acontecimentos traumáticos do CAPS (Trad. Maia & Fernandes, 2002), G.H.Q. (Goldberg, 1978; adapt. McIntyre, McIntyre & Redondo, 1999), SIP (Pollard & Johnston, trad. McIntyre, McIntyre & Soares, 2000), Questionário de Experiências Peritraumáticas (Marmar, Weiss, Metzler, 1997; trad. Maia, Fernandes & McIntyre, 2001).

A identificação precoce deste tipo de perturbação desempenha um papel importante na articulação dos cuidados de saúde prestados, podendo ser significativo na recuperação física e psicológica do indivíduo e, consequentemente, no funcionamento do mesmo.